



PUC-SP

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, COMUNICAÇÃO, LETRAS E ARTES

CURSO DE JORNALISMO

KHADIJAH CALIL JORGE

**CORPOS QUE SANGRAM: UMA SAGA DE DOR E INVISIBILIDADE ATÉ O
DIAGNÓSTICO DA ENDOMETRIOSE.**

SÃO PAULO

2025

KHADIJAH CALIL JORGE

**CORPOS QUE SANGRAM: UMA SAGA DE DOR E INVISIBILIDADE ATÉ O
DIAGNÓSTICO DA ENDOMETRIOSE.**

Memorial Acadêmico referente ao processo de produção do documentário
"Corpos que sangram: uma saga de dor e invisibilidade até o diagnóstico da
endometriose", apresentado ao Curso de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica
de São Paulo como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo sob
orientação da Profa. Anna Flávia Feldmann.

SÃO PAULO

2025

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer aos meus familiares e amigos por acreditarem em mim e serem uma fonte de inspiração, amor e suporte durante todo o processo de produção.

A minha orientadora Anna Feldmann, obrigada por ter abraçado este projeto e, principalmente, por toda atenção e interesse em suas orientações.

Agradeço também a todos os entrevistados que contribuíram para a produção desta obra.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, COMUNICAÇÃO, LETRAS E ARTES

CURSO DE JORNALISMO

KHADIJAH CALIL JORGE

Memorial Acadêmico

**CORPOS QUE SANGRAM: UMA SAGA DE DOR E INVISIBILIDADE ATÉ O
DIAGNÓSTICO DA ENDOMETRIOSE.**

SÃO PAULO

2025

RESUMO

O presente memorial apresenta o processo criativo e de produção do documentário “Corpos que sangram: uma saga de dor e invisibilidade até o diagnóstico da endometriose”. A obra investiga, por meio de histórias reais e entrevistas com especialistas, o descaso histórico e a negligência médica que cerca quem convive com essa condição. O documentário tem como objetivo também informar e desmistificar o estigma social que se perpetua na sociedade sobre menstruação e fragilidade, além de denunciar um grave problema de saúde pública no Brasil e no mundo.

Palavras-chave: negligência, saúde, informação, dor e endometriose.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	1
2. OBJETIVO	2
3. JUSTIFICATIVA	2
3.1 Do tema	2
3.2 Do formato	3
4. METODOLOGIA	4
4.1 Pauta	4
4.2 Apuração	5
4.3 Seleção dos personagens	6
4.4. Entrevistas	6
4.5. Filmagem	7
4.6. Ilustrações e edição	7
5. DESAFIOS	8
6. PROBLEMAS	8
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	9

1. INTRODUÇÃO

Pouco conhecida por grande parte da sociedade, incluindo acadêmicos, profissionais da saúde e até mesmo algumas das próprias pessoas que sofrem com ela, a endometriose é uma doença subdiagnosticada e cercada de preconceitos. A condição é caracterizada pelo crescimento de tecido semelhante ao endométrio fora do útero, provocando dores intensas, infertilidade e diversos impactos na vida física, emocional e social das pacientes.

A invisibilidade da doença é resultado de fatores históricos, culturais e sociais. Por muito tempo, seus sintomas foram minimizados, o que é uma influência direta de estereótipos sobre o corpo e a saúde das mulheres. A negligência médica, a falta de conhecimento científico em um assunto que atinge grande parte da população e uma imprensa que não cobra por mudanças das autoridades refletem a construção de uma sociedade que segue negando às mulheres um direito humano básico, explicitado no Artigo 25 da Declaração Universal dos Direitos Humanos: o acesso à saúde, ao cuidado e a condições dignas de vida.

O documentário “Corpos que Sangram: uma saga de dor e invisibilidade até o diagnóstico da endometriose”, produzido como parte de um trabalho investigativo em Jornalismo, é estruturado em blocos que relatam experiências de diversas mulheres afetadas pela doença e pela desinformação. Cada história é acompanhada por entrevistas com especialistas, pesquisas médicas e análises sociais para contextualizar e evidenciar a dimensão do problema.

De forma cronológica e temática, o documentário percorre desde os relatos pessoais mais íntimos até debates sobre políticas de saúde, permitindo ao espectador compreender a complexidade da endometriose e a importância do ativismo e da conscientização sobre a condição.

2. OBJETIVO

Por meio de relatos, entrevistas com especialistas e pesquisas acadêmicas, o objetivo deste documentário é conscientizar sobre a endometriose, divulgando informações seguras sobre a doença e denunciando um descaso histórico na medicina. Paralelamente, a obra incorpora a minha história pessoal e familiar, que traz a proximidade com essa problemática.

Além do direito à saúde, o filme reforça também o que é previsto no Artigo 5º, XIV, da Constituição Federal, que assegura a todos “o acesso à informação”. Assim, pacientes que já passaram por negligência podem compreender a importância de buscar seus direitos, consultar-se com profissionais da saúde especializados no assunto e não normalizar os sintomas do próprio corpo.

Ao mesmo tempo, a obra também revela uma linha de narração explicativa, guiando o espectador desde exames indicados para detectar a doença, até um prognóstico completo e multifuncional, como tratamento psicológico, nutricional e fisioterápico.

Em síntese, trata-se de um documentário que denuncia a negligência médica e a desvalorização de uma doença que atinge uma em cada dez mulheres no mundo. Ao longo da pesquisa, ficou evidente que o machismo, a desigualdade social e o racismo atuam como fatores que aprofundam e agravam ainda mais essa realidade.

3. JUSTIFICATIVA

3.1 Do tema

A escolha do tema nasce de uma vivência pessoal: meu próprio diagnóstico e os inúmeros episódios de dor enfrentados pela minha mãe. Ao perceber o silêncio em torno

do assunto, tornou-se evidente a falta de divulgação e, com isso, a urgência de ampliar um debate que ainda recebe pouca atenção da grande imprensa, do meio acadêmico e das autoridades de saúde.

A endometriose atinge mais de 200 milhões de mulheres no mundo, que frequentemente se tornam vítimas da falta de informação, resultando na progressão da doença e na falta de qualidade de vida das pacientes.

Além disso, a obra propõe-se a ser um conteúdo jornalístico de cunho social, cujo objetivo é oferecer espaço para que mulheres possam relatar suas experiências de sobrevivência, ao mesmo tempo em que denuncia a ausência de políticas públicas voltadas à condição.

3.2 Do formato

O projeto de conclusão de curso (TCC) foi desenvolvido no formato de vídeo-reportagem, com o objetivo de dar rosto e voz a histórias que são constantemente invisibilizadas e silenciadas.

Todos os blocos do documentário apresentam relatos de diferentes personagens, reconhecendo que a endometriose se manifesta de maneiras distintas em cada pessoa que ela atinge. Essa escolha é intencional: ao diversificar as experiências, a obra amplia as possibilidades de identificação para espectadoras que suspeitam ter a doença e buscam informações, apoio e caminhos para compreender melhor o tema.

A narrativa alterna entre depoimentos pessoais e dados de pesquisas mais aprofundadas, construindo uma obra que combina a sensibilidade do relato humano com a precisão do conteúdo acadêmico e científico. O vídeo transita entre a terceira pessoa e a primeira, criando um diálogo próximo com o

público e convidando-o a refletir sobre a relevância e a urgência da pauta.

4. METODOLOGIA

4.1 Pauta

Me deparei com o termo “endometriose” pela primeira vez em 2023. Lembro da minha mãe, então com 46 anos, recebendo o diagnóstico após uma vida inteira marcada por dores menstruais incapacitantes, sem qualquer resposta sobre o que poderia estar acontecendo. Quando finalmente recebeu o laudo, seu quadro já era cirúrgico e urgente. Ainda assim, precisou esperar seis meses até que o convênio reconhecesse que a cirurgia deveria abranger outros órgãos além do útero, já que a endometriose é uma doença sistêmica e havia se espalhado por outras regiões do abdômen. Somente depois de autorizada a operação, e já no período pós-cirúrgico, começamos a conversar sobre a possibilidade de eu também ter a doença.

Durante anos, vivi sintomas muito semelhantes aos da minha mãe e, por falta de explicação médica, reduzimos tudo ao que chamávamos de “algo de família”. Eu já havia passado por consultas, mas nenhum profissional levantou a hipótese da endometriose. Quando realizei os exames específicos, nossa suspeita se confirmou: eu também tinha a doença.

Apesar da experiência direta com a minha mãe, eu queria entender mais. Recordo que encontrei pouco material nas minhas buscas, em sua maioria, eram vídeos e relatos de pessoas que tinham passado pela dificuldade no diagnóstico e pediam ajuda para dar uma credibilidade maior ao problema e, principalmente, valorizar a saúde da mulher.

Foi desse incômodo e dessa necessidade que surgiu a decisão de abordar o tema no meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Considero fundamental cobrar das autoridades médicas avanços na compreensão da endometriose e exigir maior divulgação preventiva para a população.

4.2 Apuração

Em busca do meu próprio tratamento e para aprofundar a pesquisa, comecei a acompanhar ONGs que auxiliam mulheres com endometriose. Foi por meio delas que descobri a existência da Sociedade Brasileira de Endometriose e Cirurgia Minimamente Invasiva. Reuni estudos produzidos por essa associação — formada por especialistas na área —, além de artigos científicos e pesquisas acadêmicas nacionais e internacionais, a fim de compreender como esses materiais se articulavam para uma apuração mais precisa sobre a doença.

Também participei de congressos, como o SBE e Elas, promovido pela Sociedade Brasileira de Endometriose e Cirurgia Minimamente Invasiva, cujo objetivo era aproximar pacientes do corpo médico especializado. Estive ainda no Congresso de Saúde da Mulher, realizado pela Prefeitura de São Paulo na Assembleia Legislativa, o que ampliou minha visão sobre os desafios de políticas de saúde voltadas ao tema.

Frequentei a exposição “Casa-Corpo”, idealizada por Marcella Benita, a qual apresenta, de forma sensível e subjetiva, aspectos centrais da mensagem do documentário: a compreensão de que a dor causada pela endometriose é singular, profunda e transcende o âmbito físico. Durante a visita, tive contato com esculturas, quadros e atividades interativas que promoviam reflexões sobre a doença.

Além disso, para aprofundar meu entendimento sobre formato e linguagem documental, cursei a disciplina optativa *Cinema Documentário, Jornalismo e História da Educação*, ministrada pelo professor Dr. Daniel Ferraz Chiozzini, o que me proporcionou uma compreensão mais sólida da construção narrativa, estética e metodológica desse tipo de produção.

Paralelamente, vivi a insegurança e a falta de preparo de muitos profissionais durante diversas consultas, o que mostrou a escassez de médicos especialistas no plano de saúde. Buscando ajuda, participei de grupos de WhatsApp da ONG Endomulheres e, por meio da hashtag #endometriose no Instagram, busquei relatos de pessoas que tinham compartilhado suas experiências na internet.

4.3 Seleção dos personagens

Foram realizadas ao todo nove entrevistas. Os participantes foram selecionados com base em suas trajetórias pessoais e profissionais dedicadas à causa. Tive o cuidado de garantir que a maioria das entrevistas fosse com mulheres, de modo a assegurar uma representação mais fiel e significativa da temática.

4.4. Entrevistas

1. Flávia Marcelino: fundadora da ONG Endomulheres e portadora da doença. Conheci seu trabalho e sua história através de buscas nas redes sociais.

2. Katia Gastão: presidente da ONG Endomulheres de São Paulo e portadora da doença. A Flávia Marcelino indicou seu contato e nos apresentou.

3. Débora Carneiro: portadora de endometriose. A Débora é minha mãe e foi através do diagnóstico dela que eu descobri o meu, além de ser minha maior fonte de apoio no processo do meu tratamento pessoal e na produção do projeto.

4. Helizabet Salomão: ginecologista e presidente da Sociedade Brasileira de Endometriose (SBE). Conheci seu trabalho através das pesquisas sobre a Associação médica em que preside e, posteriormente, passei a me consultar com ela.

5. Lillian Donatti: psicóloga especialista em pacientes com endometriose e autora do livro “O lado emocional da endometriose”. Conheci em palestra no Congresso SBE e elas.

6. Gabriela Halpern: Nutricionista especialista em saúde da mulher e autora da série “Jornada da Fertilidade”. Conheci em palestra no Congresso SBE e elas.

7. Renata Cruz: Fisioterapeuta especialista em dor pélvica. Conheci em palestra no Congresso SBE e elas.

8. Ana Beloni: portadora de endometriose e artista plástica que retrata a dor da mulher em suas obras. Conheci através de matérias do UOL e do O Globo, que contavam sobre sua jornada com a doença.

9. Guilherme Karam: ginecologista especialista em endometriose e cirurgia minimamente invasiva. Entrei em contato por ser parceiro da ONG Endomulheres.

4.5. Filmagem

O processo de gravação ocorreu após a conclusão da apuração, do levantamento de dados e da escolha dos personagens principais.

Desloquei-me com o material de gravação — câmera, tripé, microfone de lapela e iluminação de LED — até os locais de trabalho dos profissionais de saúde para realizar as entrevistas. No caso das mulheres da ONG, as conversas foram conduzidas diretamente nas sedes de seus espaços.

A elaboração do texto de narração, assim como a gravação da voz em off realizada por mim, foi estruturada com o propósito de gerar proximidade e continuidade narrativa. A opção por iniciar cada bloco com o depoimento de um personagem funcionou como uma estratégia de humanização do conteúdo, permitindo articular de forma orgânica os relatos pessoais com as informações, dados e pesquisas apresentados a seguir. Dessa maneira, estatísticas e percentuais deixaram de ser elementos abstratos e passaram a representar experiências concretas.

4.6. Ilustrações e edição

Para ilustrar o documentário, foi essencial selecionar imagens que não fossem sensacionalistas, garantindo um tratamento visual cuidadoso e responsável sobre a temática da saúde. A intenção foi evitar qualquer impacto desnecessário, priorizando uma abordagem sensível e ética.

Recorri a registros visuais obtidos em congressos dos quais participei e na exposição “Casa-Corpo”. Outras imagens de apoio foram produzidas a partir de meus arquivos pessoais, incluindo exames e registros de bastidores — além de cenas captadas de paisagens naturais e urbanas. De forma complementar, selecionei imagens em acervos digitais, aplicando o mesmo critério adotado para a escolha da trilha sonora: relevância temática, respeito à sensibilidade do tema e contribuição para a construção narrativa do documentário.

A edição também ficou sob minha responsabilidade e foi realizada com o uso dos aplicativos Adobe Premiere, CapCut e InShot, com alguns ajustes na ilha de edição da PUC-SP.

5. DESAFIOS

Um dos maiores desafios que enfrentei durante a produção deste documentário foi ouvir os relatos das mulheres que sofreram sequelas em sua saúde e, ao mesmo tempo, tentar separar essas histórias da minha própria dor e da identificação que carreguei como paciente, além do medo e da insegurança que isso despertava em mim.

Mesmo assim, busquei equilibrar a denúncia do descaso vivido por tantas mulheres com a necessidade de informar o máximo possível sobre a doença, na esperança de contribuir para que outras tenham a oportunidade de se prevenir e preservar sua saúde.

Na parte técnica, com baixo orçamento e sem uma edição profissional, precisei descobrir alguns processos por conta própria, precisei pesquisar bastante e refazer muita coisa, o que deixou tudo mais lento e trabalhoso.

6. PROBLEMAS

Durante a produção da obra encontrei 3 problemas, sendo eles:

1. Encontrar entrevistados da área da saúde que não estivessem receosos ao ter seu nome vinculado ao meu TCC. Alguns entrevistados tentavam não tocar no assunto da negligência para não ofender a classe médica, evitando alguma possível repercussão do assunto no meio acadêmico, midiático e até mesmo profissional;

2. O equipamento de gravação fornecido pela faculdade apresentava algumas falhas e baixa qualidade de imagem, tive que trocar pela câmera do celular em algumas entrevistas.

3. Obtive poucos resultados de pesquisas e material de estudos nacionais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, T. C.; DONADIO, N.; SANTOS, R. R. Abordagens cirúrgicas modernas na endometriose profunda. *Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia*, v. 46, n. 2, p. 85–94, 2024.

AMERICAN COLLEGE OF OBSTETRICIANS AND GYNECOLOGISTS (ACOG). Endometriosis. Disponível em: <https://www.acog.org/womens-health/faqs/endometriosis>.

BERNARDI, J. A.; CINTRA, M. T. R.; MARQUI, A. B. T. de. Endometriose: aspectos gerais, desafios e impacto. *Acta Biologica Brasiliensia*, v. 7, n. 1, 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Endometriose. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/saude-de-a-a-z/e/endometriose>.

CANO HERRERA, G.; SALMUN NEHMAD, S.; RUIZ DE CHÁVEZ GASCÓN, J. et al. Endometriosis: a comprehensive analysis of the pathophysiology, treatment, and nutritional aspects, and its repercussions on the quality of life of patients. *Biomedicines*, v. 12, n. 7, p. 1476, 2024.

COUSINS, F. L.; McKINNON, B. D.; MORTLOCK, S.; FITZGERALD, H. C.; ZHANG, C.; MONTGOMERY, G. W.; GARGETT, C. E. New concepts on the etiology of endometriosis. *Journal of Obstetrics and Gynaecology Research*, v. 49, n. 4, p. 1090–1105, 2023.

CRUZ, P. R.; GONÇALVES, F. A.; VASCONCELOS, D. S. Dor pélvica crônica associada à endometriose: fatores psicossociais. *Revista Psicologia e Saúde*, v. 16, n. 2, p. 49–61, 2025.

ELIZUR, S. E.; MOSTAFA, J.; BERKOWITZ, E. et al. Endometriosis and infertility: pathophysiology, treatment strategies, and reproductive outcomes. *Archives of Gynecology and Obstetrics*, v. 312, p. 1037–1048, 2025.

FARIA, L. P.; MONTES, A. C.; FIGUEIREDO, L. M. Impactos da endometriose profunda no cotidiano das mulheres brasileiras: revisão narrativa. *Cadernos de Saúde da Mulher*, v. 15, n. 1, p. 33–49, 2025.

FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DE SÃO PAULO (FAPESP). Estudo procura explicar como a endometriose se agrava e causa dor. *Revista Pesquisa Fapesp*. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/estudo-procura-explicar-como-a-endometriose-se-agrava-e-causa-dor/>.

HOSPITAL ALEMÃO OSWALDO CRUZ. Incidência e impacto da endometriose. Disponível em: <https://www.hospitaloswaldocruz.org.br/centro-especializado/endometriose/incidencia-e-impacto/>.

LIMA, B. A.; ANDRADES, E. M.; SOUZA, R. C. Terapias farmacológicas atuais no manejo da endometriose. *Revista Brasileira de Saúde Feminina*, v. 19, n. 1, p. 55–70, 2025.

MENENES, R. O. C.; MENENES, L. O. C.; GURGEL, S. P. Estudo ecológico das internações de mulheres por endometriose no Brasil entre 2020–2024. *Revista JRG de Estudos Acadêmicos*, v. 8, n. 18, p. e082114, 2025.

MORAIS, H. B.; SOUSA, L. M. L.; SANTOS, I. A. A.; RIBEIRO, V. E. A.; CARVALHO, L. M. B. Impactos negativos da endometriose na qualidade de vida da mulher acometida: uma revisão integrativa de literatura. *Brazilian Medical Students*, v. 5, n. 8, 2021.

PAIVA, M. C. S. de; SILVA, A. K. L.; MENDES, L. B.; SOUSA, M. N. A. de. Padrões alimentares na doença endometrial: uma revisão integrativa. *Revista Brasileira de Filosofia e História*, v. 14, n. 2, p. 499–509, 2025.

PEREIRA SOMBRA, M. P.; SILVA JÚNIOR, J. A.; NASCIMENTO, E. G. C. do. A endometriose e sua realidade epidemiológica no Nordeste Brasileiro. *Medicina (Ribeirão Preto)*, v. 57, n. 2, e214123, 2024.

QUADROS, B. F.; FIGUEIREDO CAVALCANTE, M. C. G.; PEREIRA, B. R.; BILHARINHO, V. O.; ALVES, L. G. M.; CAMELO, N. M. C. T. et al. Perspectiva epidemiológica da morbidade hospitalar por endometriose em mulheres brasileiras de

2019 a 2023. *Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences*, v. 6, n. 7, p. 1263–1275, 2024.

RIBEIRO, L. R.; MACIEL, C. A.; CORRÊA, D. R.; BRUGINSKI, L. S.; SILVEIRA, M. P.; SOUZA, E. P. Intervenções alimentares na modulação da inflamação e manejo da endometriose: uma revisão sistemática. *Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences*, v. 7, n. 8, p. 1040–1052, ago. 2025.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE ENDOMETRIOSE E CIRURGIA MINIMAMENTE INVASIVA (SBE). Endometriose – informações oficiais. Disponível em: <https://sbendometriose.com.br/>.

SOBRAL, L.; VAQUES DOS SANTOS, G.; ALVES MARQUES MENDES, G. et al. As repercussões da endometriose na qualidade de vida das mulheres brasileiras. *Revista Sociedade Científica*, v. 8, n. 1, p. 600–616, 2025.